

PROJETO DE PESQUISA APRESENTADO À ASSOCIAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE PESQUISA EM PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL COMO REQUISITO PARA ADMISSÃO DE NOVO MEMBRO

Felippe Lattanzio

1. Título: Uma abordagem continuísta da psicopatologia psicanalítica à luz das relações entre gênero e constituição subjetiva

2. Justificativa e referencial teórico

2.1 – Introdução

A presente pesquisa tem como eixo central a questão da continuidade entre neuroses e psicoses na psicopatologia psicanalítica, tendo como balizador o conceito de gênero em relação com a constituição subjetiva. Tal problema nasce a partir da percepção da necessidade de desenvolvimento de um modelo teórico que busque fazer frente à diversidade das manifestações clínicas, valorizando a ideia de continuidade entre as estruturas e, ao mesmo tempo, trabalhando na manutenção de importantes marcos teórico-clínicos, como é o caso da lógica fálica.

Em pesquisa anterior¹, desenvolvemos o conceito de gênero dentro da teoria psicanalítica, pensando suas relações com a constituição da tópica psíquica. Tal conceito, como será demonstrado, joga luz sobre a noção de defesa correlativa à definição estrutural e tem potencial de embasar a proposição de nuances e gradações nos mecanismos responsáveis pelas diferenciações entre as neuroses e as psicoses.

Nos últimos anos, vários autores de linhas distintas vêm apontando como uma apreensão binarista da teoria e clínica psicanalíticas² traz dificuldades para a compreensão e a condução clínica de inúmeros quadros de sofrimento psíquico tidos como raros ou limítrofes, bem como de determinados fenômenos que ocorrem em casos tidos como de neurose ou psicose e que se mostram desalinhados com aquilo que se esperaria teoricamente nesses quadros (Miller, 1998; Ribeiro, 2001; Rosenfeld, 2006; Garcia & Cardoso, 2011). Como um dos aspectos centrais dessa discussão, a importância da

¹ Trata-se de nossa pesquisa que deu origem ao livro de minha autoria, *O lugar do gênero na psicanálise: metapsicologia, identidade, novas formas de subjetivação*, lançado em 2021 pela Editora Blucher.

² A questão do binarismo em psicanálise pode ser remontada ao próprio Freud, sendo que podemos aludir a alguns momentos de seu percurso que apontam para concepções binaristas: o estabelecimento da distinção entre neuroses de transferência e neuroses narcísicas e a asserção de que estas últimas seriam inacessíveis à técnica da psicanálise (1996/1917); a postulação de um nítido dualismo pulsional calcado muitas vezes na associação da pulsão de morte com a natureza e o inorgânico (1996/1920); o estabelecimento de um binarismo sexual baseado na presença/ausência do órgão masculino (1996/1923).

constatação clínica lacaniana do papel da significação fálica para a diferenciação estrutural contrasta muitas vezes com uma utilização binária desse conceito: “Nome-do-Pai, sim ou não?” é uma indagação que já selou e continua a selar o diagnóstico e o destino de milhares de pessoas dentro e fora dos hospitais psiquiátricos” (Ribeiro, 2001, p. 114). A constatação desse problema se encontra presente também em autores alinhados à orientação lacaniana:

Assim, nossa clínica tinha um caráter basicamente binário. Resultado: durante anos, víamos clínicos, analistas, psicoterapeutas se perguntarem se seu paciente era neurótico ou psicótico. Quando vocês recebiam esses analistas em supervisão, podiam vê-los voltar, ano após ano, a falar de seu paciente X, e se lhes perguntassem: “Você concluiu se ele é neurótico ou psicótico?”, eles respondiam: “Não, até agora não concluí”. E isso continuava assim durante anos. Não era claramente uma maneira satisfatória de considerar as coisas. (Miller, 2010, p. 05).

Diversas também são as proposições teórico-clínicas que visam enfrentar o problema do binarismo. A título de ilustração, podemos citar as novas ideias oriundas das conversações e convenções de Angers, Arcachon e Antibes, com a proposição da psicose ordinária (Miller, 1998); a crescente valorização do chamado último ensino de Lacan e os desenvolvimentos da clínica borromeana; as proposições que buscam, entre outros, compreender os chamados enclaves psicóticos nas estruturas neuróticas (Tarelho, 1999a; Cardoso, 2002); a tentativa empreendida por Silvia Bleichmar (1994) de conceber determinados elementos que ficariam “à deriva” na tópica psíquica - a lista poderia continuar. Dentro dessa ampla gama de debates e formulações, diferentes concepções sobre a origem do inconsciente e o papel do simbólico e da alteridade na constituição subjetiva entram em jogo, diferenciando distintas possibilidades de apreensão e construção teórica de propostas alternativas ao paradigma binarista. Tais diferenciações, por certo, trazem consequências diferenciadas para a clínica especialmente com relação ao manejo de casos de psicose e casos ditos raros ou limítrofes, mas também para a neurose. Ao nos situarmos frente a essas diversas possibilidades, concordamos com o ponto de vista de Luiz Carlos Tarelho (1999b, p. 150) de que “uma das principais razões – senão a principal – que se situa na origem desta dificuldade de se encontrar um modelo adequado para o tratamento das psicoses é justamente *o apego a uma concepção teórica baseada numa visão auto-centrada da constituição do inconsciente*”. Afinal, uma das preocupações em formular um modelo continuísta em psicopatologia é justamente fazer com que a psicanálise esteja apta a acompanhar as diferentes manifestações do sofrimento humano ao longo da história e, para tal, se faz necessário que a teoria possa fugir de modelos que fixem o ser humano em supostos lugares de essência. Como posicionamento frente a essa necessidade, bem como resultado de nosso próprio percurso teórico-clínico,

elegemos a teoria de Jean Laplanche como aporte principal para situar a constituição subjetiva e fundamentar nosso problema de pesquisa. Será partindo dessa concepção de sujeito que, em um diálogo com o conceito de gênero, procuraremos situar a originalidade de nossa contribuição a esse debate.

2.2 – A constituição subjetiva e as origens do inconsciente segundo Jean Laplanche

Para teorizar a constituição subjetiva, o ponto de partida de Laplanche (1992a) é o fato de que, na espécie humana, os bebês nascem em um total estado de desamparo - que Freud (1996/1926) identifica com o termo *Hilflosigkeit*. Os adultos, por sua vez, além de serem autossuficientes no sentido autoconservativo, estão principalmente imersos na linguagem e marcados pela sexualidade inconsciente, esta entendida como um profundo desvio em relação a qualquer espécie de instinto. Laplanche denomina este estado da criança *situação antropológica fundamental*, pois é a partir dela que se instaurará a pulsão e o inconsciente. O bebê, dado seu estado de desamparo, se encontra aberto ao mundo e a todos os estímulos que se impõem a ele; é passivo frente às invasões provenientes do ambiente e dos adultos habitados por uma sexualidade desviante. Mais do que uma constatação prosaica, é necessário identificar nessa formulação o esforço para que a teoria psicanalítica possa se desenvolver sem permanecer presa a contextos sociais de determinadas épocas e sem depender de variados *a priori*. Mesmo o Édipo e a estrutura triangular não ocupam lugar de fundamento ou essência no sistema teórico laplancheano, mas são entendidos como consequências dessa assimetria originária: “o que chamamos de complexo de Édipo também incide numa certa contingência. (...) O *enigma*, aquele cujo móvel é inconsciente, é *sedução por si mesmo*, e não é à toa que a Esfinge está postada às portas de Tebas, antes mesmo do drama de Édipo” (Laplanche, 1992a, pp. 96-136).

Laplanche busca recuperar a teoria da sedução, abandonada por Freud, para fundamentar a constituição subjetiva. A importância da sedução na teoria desenvolvida por Laplanche se deve, acima de tudo, à possibilidade de conceber a pulsão e o inconsciente como verdadeiros produtos da inoculação da sexualidade pelo outro. O sujeito se constitui a partir desse desequilíbrio originário, no qual a sexualidade inconsciente do adulto parasita os precários arranjos psicofísicos do bebê e impele o sujeito rumo ao pulsional. Tais interferências de significações inconscientes nas trocas precoces são entendidas por Laplanche como fenômenos de mensagens, que interpelam a criança a traduzir/simbolizar aquilo de enigmático que recebeu. Como as possibilidades de tradução/simbolização são sempre falhas (uma vez que as significações que tornam as mensagens enigmáticas são sempre obscuras, inclusive por serem inconscientes para o

próprio adulto), tal processo sempre deixará restos, que impelirão a pulsão e o inconsciente. Nesse contexto, no qual se busca reduzir os elementos de essência do ser humano à situação antropológica fundamental (distanciando-se, assim, de uma perspectiva metafísica sobre o homem), a teorização sobre o recalque originário adquire lugar central para se pensar a constituição subjetiva. Como aponta Silvia Bleichmar (1987), o recalque originário, nessa perspectiva, é compreendido como um movimento real - e não mítico - responsável pela criação da tópica psíquica.

Em seus textos metapsicológicos, Freud (2004/1915) apenas alude à existência de um recalque originário. A existência desse recalque pode ser deduzida pelo fato de que, para uma representação ser recalçada, precisa-se supor a existência de conteúdos inconscientes, que servem como polo de atração. No entanto, para se supor esses conteúdos inconscientes, tem-se que conceber uma outra forma de recalque que não ocorra a partir da atração de conteúdos já recalcados. Tal concepção, no entanto, convive com formulações com viés preponderantemente biologizante para a natureza do inconsciente ao longo da obra de Freud (Laplanche, 1997).

Nesse sentido, foi Lacan, em sua retomada de Freud, quem reabriu o caminho para se pensar no inconsciente e na pulsão como historicamente adquiridos. Laplanche remonta à história do movimento psicanalítico ao dizer que foi a partir da abordagem de Lacan sobre o inconsciente e a pulsão que se tornou possível postular que “sua gênese e sua natureza são indissociáveis do mundo humano e da comunicação inter-humana” (Laplanche, 1999, p. 78, tradução nossa). Laplanche, por sua vez, concebe também o inconsciente e a pulsão como ligados a uma dimensão essencialmente humana que aponta para uma ruptura ou um desvio com relação ao inato e/ou instintual. No entanto, a perspectiva laplancheana privilegia a intersubjetividade e a sedução em detrimento da estrutura e da linguagem, caminhando rumo ao realismo do inconsciente³.

No movimento do recalque originário, os restos oriundos das tentativas de tradução das mensagens enigmáticas parentais se constituem como objetos-fonte da pulsão. Nesse modelo, os significantes oriundos das tentativas de tradução das mensagens parentais caem ao nível inconsciente e tornam-se “coisificados”, tornando-se representações-coisa. Essa coisificação significa que esses significantes, ao caírem para o inconsciente, não remetem a nada senão a eles mesmos: significantes-designificados, que perderam seu caráter de comunicação e se instauraram como corpos estrangeiros internos no psiquismo, tornando-se objetos-fonte da pulsão. Toda pulsão, para Laplanche, é sexual nesse sentido de estar comprometida com a alteridade e a inoculação do sexual

³ Uma frase provocativa de Laplanche explicita bem tal concepção realista: “O inconsciente é individual; para ser escandaloso, eu diria que ele está *na cabeça de cada indivíduo*” (Laplanche, 1992b, p. 115).

pelo outro. O inconsciente, assim, formado por tais representações-coisa, se assemelha a uma espécie de *linguagem não estruturada* (Laplanche, 1992/1959).

Em diversos textos posteriores (p. ex. 1992b; 1992d; 1999; 2007), Laplanche aprofunda as reflexões sobre o originário, o inconsciente e a constituição subjetiva. As diversas nuances dessa teoria fogem ao escopo do presente projeto. Não obstante, é importante assinalar que tal concepção do originário humano e do inconsciente nos permitirá buscar situar as relações entre o gênero e a psicopatologia de modo a formular uma perspectiva continuísta, como explicitaremos mais à frente. Para tal, é necessário percorrer brevemente algumas conclusões a que chegamos em pesquisa anterior (ver nota 1), no sentido de situar o estatuto metapsicológico do gênero na constituição subjetiva. Uma última observação sobre o recalque originário na perspectiva laplancheana, contudo, será necessária para subsidiar nossos desenvolvimentos.

Da mesma forma que o recalque secundário precisa do originário para ocorrer, uma vez que, como observado por Freud (2004/1915), é preciso conceber uma atração do material a ser recalcado por parte do inconsciente, também o recalque originário depende do recalque secundário para se consolidar:

o a posteriori, que opera entre os dois tempos do recalçamento originário [o tempo da implantação do enigma e o da primeira tradução], intervém também *em relação ao* próprio recalçamento originário tomado em seu conjunto. O que significa, concretamente, que o recalçamento originário, necessita de uma chancela para ser mantido, *necessita do recalçamento secundário*. (Laplanche 1992a, p. 145, grifos do autor e comentários entre colchetes nossos).

Assim, o recalque originário precisa do secundário para fixar-se. É aí que se situam o Édipo, a castração e o posicionamento frente à partilha sexual. Tais processos, como veremos, fazem com que o inconsciente e o sujeito tornem-se marcados pelo gênero.

2.3 – A incidência do gênero na constituição subjetiva

Nos primórdios da constituição psíquica, os seres humanos são completamente moldados pelos cuidados dos adultos e por sua sexualidade inconsciente. Nessa perspectiva, a passividade da criança frente ao adulto, sua radical abertura ao mundo, é o fato fundamental sobre o qual se constituirá o psiquismo. As primeiras experiências da criança, então, são de pura excitação, não havendo ainda a incidência da falta, mas antes “vivências homogêneas de um gozo sem oposição” (Ribeiro, 2000, p. 257). Podemos relacionar essas experiências às primeiras mensagens parentais recebidas pelo bebê que, juntamente com elas, recebe também um aporte narcísico cuja incidência se faz sobre o corpo, no sentido de se relacionar aos toques que configuram as fronteiras epidérmicas, ao apaziguamento das tensões produzido pelos cuidados os mais diversos e, sobretudo, ao estabelecimento de uma constância dos estímulos e de determinados ritmos que

acabam por assegurar algum tipo de continuidade da própria existência. Tais aportes se apresentam ao bebê como elementos de uma primeira simbolização/tradução, correlativa ao próprio surgimento do Eu, e a partir da qual se sedimentam como restos não traduzidos essas vivências originárias de um gozo passivo, intrusivo e fragmentário. O surgimento do Eu pode ser visto, então, como a outra face das vivências de excitação e intrusão, que passam a ser recalçadas ao mesmo tempo em que adquirem, *a posteriori*, sua dimensão de passividade⁴.

Nesses primeiros momentos da vida, há, por parte dos adultos com os quais a criança convive, uma designação do gênero da criança, designação reiterada e contínua, veiculada consciente e inconscientemente tanto pela linguagem quanto pelos comportamentos. Laplanche (2003, pp. 81-82) associa a essa designação o conceito de “identificação por”, em contraposição a uma “identificação à”. Tal “mudança no vetor da identificação” denota uma passividade radical da criança frente à designação do gênero pelos adultos. Tal designação é vista por Laplanche como um dos meios pelos quais as significações enigmáticas são transmitidas à criança. Junto com a designação há sempre “ruídos”, elementos enigmáticos que a criança não tem como simbolizar. Tais ruídos são o resultado de fantasmas parentais⁵ que vêm desestabilizar os processos de designação do gênero.

O conceito de gênero expressa o resultado da designação, por parte do pequeno *socius*, de identidades e papéis relacionados ao sentimento de pertencimento a um dos grupos sociais classificados como masculino e feminino, sentimento esse que se relaciona às formas de se comportar, de sentir, de se vestir, de manifestar emoções, aos modos de gozar, de desejar, de amar etc. Tal designação é acompanhada de ruídos inconscientes, o que torna o gênero algo mais desorganizado e múltiplo. A atribuição de gênero é anterior à tomada de consciência e à própria descoberta da diferença anatômica e dos imperativos sociais de se posicionar perante ela. O gênero, assim, convive com o polimorfismo sexual infantil, apesar de já começar a fornecer ao Eu atributos de identidade. O sexo é secundário ao gênero, tendo por função organizar sua multiplicidade, fixando uma identidade sexuada que, a partir de então, adquirirá estabilidade ao longo da vida, dado

⁴ No entanto, com essas vivências os seres humanos sempre sentirão um misto de horror e atração, dado que elas remetem a uma situação inominável e indescritível que, por isso mesmo, sempre será alvo de certo investimento. O gozo e a compulsão à repetição, dessa forma, se associam a esse sentimento dúbio que temos para com esses primeiros momentos indiferenciados. Assim, nessa linha de pensamento, não cabe fazer uma diferenciação entre real e sexual. O gozo, ao expressar a incidência da pulsão de morte sobre o desejo, o faz na medida em que a origem da morte enquanto pulsão reside na inoculação da sexualidade pelo outro e na completa passividade e penetrabilidade daí decorrente. O gozo, aqui, deve ser entendido como um prazer excessivo que, em última instância, levaria à dissolução do Eu e à sua consequente morte.

⁵ Ao dizermos parentais não nos referimos apenas ao par parental, mas sim ao que Laplanche denomina pequeno *socius* familiar, ou seja, pessoas que têm uma convivência íntima e frequente com a criança.

seu vínculo necessário à consolidação de um Eu, já que, nos modos simbólicos nos quais funciona a cultura, toda identidade precisa fazer referência a um sexo⁶. O sexo responde aos imperativos sociais de se posicionar perante a bipartição masculino-feminino e refere-se à certeza de saber-se homem ou mulher. O sexo, assim, pode ser topicamente referido ao Eu, fazendo parte da identidade, atuando como agente recalcante e servindo como contra-investimento a tudo aquilo que no infantil é da ordem do múltiplo, a tudo aquilo que vai contra a identidade construída.

A designação do gênero, ao mesmo tempo, serve como aporte narcísico que permite à criança simbolizar/traduzir suas vivências primeiras de completa passividade e também traz ruídos enigmáticos, cujos restos não traduzidos serão atraídos pelo recalcado originário. É num segundo tempo, a partir da descoberta da diferença anatômica dos sexos, que a criança se verá diante do imperativo social de se posicionar em relação aos sexos. Para Laplanche (2003, p. 87), o sexo vem aí como elemento organizador e simbolizador do gênero e coincide com o recalçamento secundário⁷. A partir desse momento de assunção de uma identidade sexuada, tem-se uma estabilidade e a reiteração em relação ao sexo não mais precisa ser tão contínua: é criada uma certeza subjetiva do tipo “eu sou homem” ou “eu sou mulher”. Uma vez estabelecida essa identidade, a reiteração poderá ocorrer em relação às práticas de um ou outro sexo numa determinada cultura, aos comportamentos e desejos, mas não ao fato de saber-se homem ou mulher.

O Eu, então, é consolidado no mesmo momento da assunção de um sexo, sendo que ambos encontram na lógica fálica o principal motor desse processo. Ao mesmo tempo, a lógica fálica ressignifica esse originário, criando para ele uma primeira representação relacionada à diferença sexual. É nesse momento que tais vivências adquirem um significado relacionado a uma feminilidade, primeira simbolização possível da passividade originária do bebê frente ao adulto. Nesse sentido, Jacques André (1996, p. 115) afirma que “o ser-penetrado feminino tem com o recalçamento, como colocação do outro no interior, um parentesco que não joga simplesmente com as palavras”. É importante frisar, por ora, que, de acordo com nosso entendimento, tal significação

⁶ Sobre essa questão, Silvia Bleichmar (2009, p. 29, tradução nossa) afirma que: “Nesse sentido, podemos considerar que a identidade ontológica, que marca o caráter humano da criança a partir do momento em que o outro a considera da mesma espécie – o que é indubitavelmente um feito simbólico e não biológico –, se articula, ao menos até agora na história da humanidade, com a identidade sexual, como o demonstra a importância do nome próprio”. Por sua vez, Judith Butler (1993, p. 02, tradução nossa) observa: “Sexo é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem, ou uma descrição estática do que alguém é: ele será uma das normas pelas quais o ‘alguém’ torna-se simplesmente viável, que qualifica um corpo para a vida dentro do domínio da inteligibilidade cultural”. Duas autoras, portanto, oriundas de campos de saber distintos – a psicanálise e a filosofia –, servem-nos aqui para fundamentar a constatação da centralidade do sexo-gênero nos processos de subjetivação.

⁷ É interessante notar que essa concepção subverte totalmente o sentido comumente dado ao par sexo-gênero: aquele como dado biológico, este como dado social; aquele precedendo a este.

feminina da passividade originária é uma consequência da ação denegativa da lógica fálica, situando-se antes em um plano defensivo dessa lógica do que em uma suposta essência passiva da feminilidade.

Em meio ao confronto essa lógica excludente (lógica fálica; lógica do “um sexo ou outro”), uma feminilidade que chamaremos aqui de *radical* é atraída por essas vivências primordiais da criança e, portanto, torna-se o recalcado por excelência. Ao dizermos “feminilidade radical”, queremos fazer uma diferenciação entre uma feminilidade secundária tal como aparece nas identificações dos sujeitos do sexo feminino (que, certamente, por ser uma forma de assunção de identidade, trabalha a favor da estabilização e coesão do Eu) e uma feminilidade ligada às origens fragmentadas e intrusivas do psiquismo, como proposto por Jacques André. O termo “radical” procura mostrar que o que aparece de forma controlada nas identificações dos sujeitos femininos (como a orificalidade e a penetrabilidade) é elevado à máxima potência nessas vivências primárias (a penetrabilidade levada às últimas instâncias é correlativa de fragmentação, despedaçamento e desligamento pulsional), fazendo com que essa feminilidade primeira adquira uma grande proximidade com a pulsão de morte.

A posteriori, tais vivências primordiais relacionam-se com essa feminilidade radical e mortífera, orifical e penetrável, em oposição a um gozo ativo e fálico. Afinal:

O gênero precede o sexo, mas sua origem, que se encontra na sedução originária e no mecanismo da identificação passiva, assegura-lhe, desde o início, sua inclusão na categoria freudiana de “sexual-pré-sexual”. O sexo organiza o gênero, mas a supervalorização do fálico e a negação do orifical que lhe correspondem o tornam conflitual. Esse conflito recai sobre o sexual-pré-sexual para transformá-lo em sexual recalcado. (Ribeiro, 2007, p. 47, tradução nossa).

É nesse sentido que concebemos a interdependência entre o recalque originário e o secundário. O recalque secundário, que coincide com o posicionamento em relação a um sexo, ressignifica o recalque originário que, para se fixar e consolidar, passa a ser concebido em termos sexuais e relacionado a uma feminilidade inaceitável. É importante frisar que tal feminilidade é inaceitável tanto para homens quanto para mulheres, apesar de as vicissitudes dessa relação serem diferentes em cada sexo⁸.

O “ser invadido originário” (André, 1996) adquire, assim, uma proximidade intensa com o ser penetrado, que encontra no feminino um primeiro meio de

⁸ Apesar de fugir ao objetivo principal do presente projeto, acreditamos importante deixar claro que, em nossa concepção, como regra geral, pelo fato de as mulheres conseguirem manter mais pontos de contato com a feminilidade originária, têm a possibilidade de construir identidades mais flexíveis e livres, enquanto os homens, na necessidade maior de defesa frente à passividade originária, acabam por apresentarem, como regra geral, identidades mais rígidas e estereotipadas. A difícil articulação entre as categorias feminilidade, passividade e mulheres foi também problematizada por mim em termos metapsicológicos, epistemológicos e políticos no livro já citado (Lattanzio, 2021), bem como em alguns artigos (Lattanzio & Ribeiro, 2012; Lattanzio & Ribeiro, 2016).

simbolização. E, através da passividade pulsional (elevada às últimas consequências) e da fragmentação, tais representações aproximam-se da pulsão de morte, tornando-se, dessa forma, os representantes privilegiados desse polo do conflito pulsional. O sexo feminino, então, representa a alteridade, sendo ele o “outro sexo” tanto para homens quanto para mulheres.

Comentaremos um trecho do “Court traité de l’inconscient”, de Laplanche, para formular de forma resumida como concebemos a associação entre recalque e gênero:

Seria então o caso de distinguir, *esquemáticamente*, dois níveis do inconsciente sistemático: aquele do recalcado originário [as primeiras vivências passivas, intrusivas e fragmentadas do bebê], constituído de protótipos inconscientes [os significantes-designificados que, *a posteriori*, se relacionam com uma feminilidade mortífera], caracterizados por sua fixidez e pelo efeito de atração que exercem não uns sobre os outros, mas sobre as representações que passam ao seu alcance, e aquele do recalcado secundário [que, em um primeiro momento, a partir da designação do gênero pelos adultos, é tingido pelas significações da feminilidade, que vêm simbolizar em outro nível os objetos-fonte de uma passividade primária completamente desligada e fragmentada e, em um segundo momento, se dá a partir do posicionamento em relação a um dos sexos. Com a consolidação deste movimento, o recalque adquire relações estreitas e definitivas com as representações sexuadas de uma feminilidade radical e mortífera], ao qual o processo primário se aplica. (Laplanche, 1999, p. 100, grifos do autor, tradução e comentários entre colchetes nossos).

Os objetos-fonte desse primeiro nível mais elementar do inconsciente são as vivências dessa passividade fragmentada e parcial que, *a posteriori*, se relacionarão com a feminilidade - são fonte de pulsão de morte. Num segundo nível de recalque, podemos pensar a existência simultânea de processos de identificação passiva e “ruídos” das identidades de gênero (ou seja, restos não traduzidos oriundos dos fantasmas parentais): processos totalizantes, porém portadores também de elementos intraduzíveis - tais objetos são clivados, sendo fonte tanto das pulsões de vida quanto de morte.

O gênero e o sexo assumem, portanto, uma estreita relação com os processos defensivos que, por sua vez, compõem uma formação de compromisso que assegura a coesão do Eu e participam como um dos polos do conflito psíquico.

2.4 – Implicações psicopatológicas: a defesa e a continuidade

Para o Eu se formar, é necessário distanciar-se da passividade que marca as origens do psiquismo: o caráter de ligação necessário ao estabelecimento dos limites do Eu é incompatível com a fragmentação e o desligamento de vivências arcaicas do sujeito que encontram na feminilidade a primeira simbolização. A consolidação do Eu, desta forma, necessita de um agente de contra-investimento que possa garantir-lhe um mínimo de coesão em contraposição ao estado anterior de penetrabilidade e vulnerabilidade. É justamente aí que entra em cena a lógica fálica: enquanto oposição à feminilidade radical,

símbolo da coesão e de fronteiras bem delimitadas e seguras, tal lógica é capaz de fazer uma contraposição nítida e eficaz à passividade das origens. Tanto para homens quanto para mulheres, a norma fálica aparece como ferramenta imprescindível para a assunção da identidade sexuada, mas tal norma será tanto mais necessária quanto mais necessária for a contraposição à feminilidade originária. Ao mesmo tempo, a lógica fálica fixará (da forma como vimos que o recalque secundário fixa o recalque originário) os termos sexuais aos quais o conflito psíquico ficará para sempre relacionado. Ou seja: é a partir da incidência da lógica fálica que a feminilidade se fixa como alteridade por excelência, para homens ou para mulheres. Tal entendimento do caráter de necessidade que a lógica fálica adquire frente à passividade originária - simbolizada pela feminilidade - aproxima-a, assim, da noção de defesa.

Sobre o outro polo deste conflito, a penetrabilidade e passividade levadas às últimas consequências são correlativas de fragmentação, despedaçamento e desligamento pulsional. A partir de Laplanche, pode-se conceber como os elementos nucleares do inconsciente remetem a uma pura cultura da alteridade, não admitindo nenhuma forma de ligação ou totalização. A quantidade de ligação necessária à própria formação de um Eu só pode ser concebida a partir de uma espécie de segundo nível do inconsciente. Dessa forma, pode-se compreender como o desligamento presente nesse inconsciente originário (que reflete os momentos de extrema passividade e penetrabilidade da criança frente ao adulto) é absolutamente inaceitável e mortífero para o Eu, pois se trata de uma ameaça de extingui-lo, de fazê-lo voltar à dispersão de onde surgiu, de desfazer os limites que garantem sua própria existência. Esse é o paradoxo das origens: o Eu se forma a partir de uma radical ausência de ligação, de sentido, de representação. Por isso, nessas vivências arcaicas, a penetrabilidade é elevada ao infinito. Desse tempo, em última instância, nada podemos dizer. Não há, para ele, nenhuma representação, pois antes ele aponta para o limite da própria representação e para a intolerável/inconcebível ideia de uma infinidade sem fronteiras.

Concomitante à criação de uma primeira possibilidade de auto-representação, a feminilidade aparece como representação privilegiada desses momentos de extrema passividade e desligamento. É no recalque secundário e na necessidade de posicionamento perante a partilha sexual que tal movimento se consolida, sob a incidência da lógica fálica: a feminilidade se liga ao mortífero, sendo a primeira simbolização desse indizível das origens. Essa feminilidade, que dessa forma se liga à pulsão de morte, é uma feminilidade cuja penetrabilidade é elevada à máxima potência, tanto quanto é possível se aproximar de e conceber a condição de radical passividade das origens. A essa feminilidade associamos o adjetivo *radical*. Nas mulheres (“mulheres” aqui é entendido

como um ponto de chegada na trajetória identificatória, e não um *a priori* baseado na diferença anatômica), a feminilidade que se dá como identificação ao sexo feminino é uma *feminilidade secundária*, com um grau de elaboração/ligação mais elevado, por mais que possa também ser concebida em termos de orificalidade e penetrabilidade no que diz respeito à diferença sexual. A feminilidade secundária já é, de certa forma, uma simbolização egossintônica da feminilidade radical. Ao mesmo tempo, sendo derivada desta, a feminilidade secundária mantém com ela certa proximidade e certos pontos de contato. Em nossa pesquisa anterior (ver nota 1), a título de ilustração, esboçamos uma representação gráfica dessa relação:

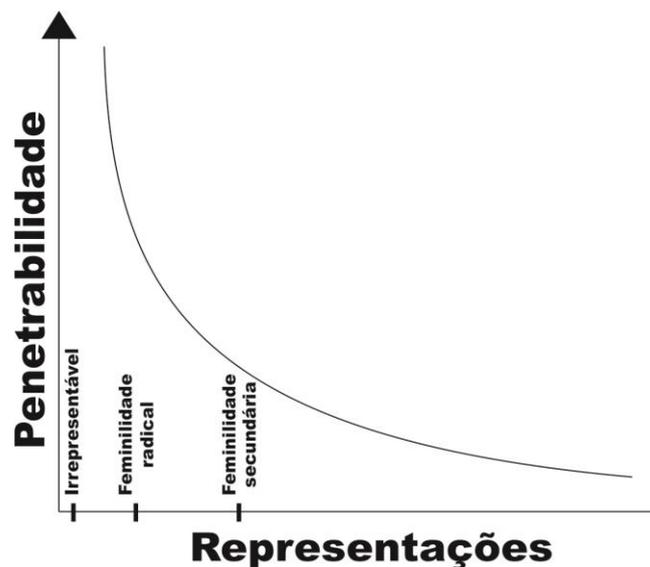


Figura 1 - Representações femininas da penetrabilidade

Nela, vemos como a penetrabilidade elevada ao infinito é inconcebível de ser representada. Sua simbolização mais próxima é a feminilidade radical, que por isso aproxima-se da pulsão de morte e do desligamento. A feminilidade secundária já aparece como um distanciamento e uma simbolização da feminilidade radical. Para nossos propósitos, o que importa nesse gráfico é que as representações possíveis variam de acordo com a necessidade de defesa frente à situação originária marcado pelo excesso de passividade e penetrabilidade, que encontra na feminilidade radical uma primeira simbolização. Ora, se a defesa é proporcionada pela incidência da lógica fálica, podemos dizer que, quanto maior é a necessidade de distanciamento ou negação da feminilidade radical, maior é a incidência da lógica fálica. No entanto, nos detenhemos antes disso em algumas consequências dessa ligação entre a feminilidade e o mortífero.

Um aspecto importante que decorre da relação entre a feminilidade e a pulsão de morte se encontra no que Lacan (2003/1972) denominou de *empuxo à mulher* ao formalizar a orientação feminina de gozo frequente nos casos de psicose. Tais vivências de feminização seriam experimentadas pelo psicótico como invasões no corpo e na mente,

efeito da irrupção de uma feminilidade que nunca foi integrada no psiquismo. Em sua análise do caso Schreber, Lacan (1985, p. 102) nos dirá que “o presidente Schreber jamais integrou de forma alguma (...) nenhuma espécie de forma feminina”. Nesse sentido, podemos encontrar em Lacan tal relação clínica entre a feminilidade e o mortífero, que passa por uma relação entre a feminilidade e o passivo. Tal relação, nas psicoses, se dá através de uma apassivação, mas sua função psíquica pode também ser percebida em outros processos:

Essa função que é, com maior ou menor intensidade, de feminidade pode ter assim oportunidade de ser satisfeita com essa receptividade essencial que é um dos papéis existentes fundamentais. Isso não é metafórico – recebemos realmente alguma coisa quando acolhemos a palavra falada. A participação na relação da fala pode ter vários sentidos ao mesmo tempo, e uma das significações interessadas pode ser precisamente a de se satisfazer na posição feminina, como tal essencial a nosso ser. (Lacan, 1985, p. 100).

Nas psicoses, podemos pensar que, frente a algo que ocorre com o processo de instauração da significação fálica, a possibilidade de integração de uma bissexualidade psíquica fica barrada. As frequentes alucinações auditivas que desestabilizam os sujeitos ao empurrá-los à posição feminina e passiva confirmam esse caráter de trauma e alteridade vinculado ao feminino. É interessante notar que, em alguns casos típicos de psicose em mulheres, por exemplo, ao contrário do que ocorre em boa parte das psicoses observadas em homens nas quais as acusações alucinatórias são frequentemente relacionadas à homossexualidade e à colocação em posição feminina, as alucinações auditivas apontam prioritariamente para o excesso e desregramento de uma sexualidade governada pela posição penetrada: “puta”, “vadia”, “piranha”. As vozes, nessas formas de psicose feminina, denotam esse gozo alteritário e apassivado, no qual o “deixar-se atravessar pelo outro” torna-se excessivo e ultrapassa as capacidades de ligação do Eu.

Tal relação entre a feminilidade e a psicose, atestada dentre outros pela constatação clínica do empuxo à mulher, nos instiga a pensar como uma teoria psicanalítica dos gêneros pode se conjugar com a psicopatologia. Afinal, se situamos a lógica fálica do lado da defesa e se entendemos que tal lógica é tanto mais necessária quanto é a necessidade de se distanciar da feminilidade originária, teremos como consequência a possibilidade de elaboração de um modelo psicopatológico de continuidade entre as estruturas clínicas⁹. Isso implicaria em pensar as gradações que a

⁹ Dado que a definição estrutural relaciona-se, através dos mecanismos de defesa, ao Nome-do-Pai e à significação fálica: “A *verwerfung* original será tida por nós, portanto, como forclusão do significante. No ponto em que, veremos de que maneira, é chamado o Nome-do-Pai, pode pois responder no Outro um puro e simples furo, o qual pela carência de efeito metafórico, provocará um furo correspondente na significação fálica”. (Lacan, 1998/1958b, p. 564). “Se a neurose se caracteriza pela aceitação do Nome-do-Pai e da significação fálica ligada a ele, a psicose se opõe a esta pela ‘forclusão de ambos’” (Geller, 2011, p. 390).

lógica fálica ou o Nome-do-Pai podem assumir (da mesma forma que a linha contínua da penetrabilidade no gráfico acima), em vez de a pensarmos em termos binaristas de presença ou ausência.

É importante notar que tais implicações têm como consequência o estabelecimento de nuances e gradações no paradigma da *foraclusão restrita*, uma vez que, a partir da noção de defesa, tendem a manter a importância do significante fálico na diferenciação entre psicose e neurose. Nesse sentido, uma grande linha de diálogo se abre com as ideias estabelecidas por Miller sobre a foraclusão generalizada e a psicose ordinária, bem como com o campo de discussões aberto a partir dos debates e conversações sobre os casos raros/limítrofes ocorridos em Angers (1996), Arcachon (1997) e Antibes (1998). Procuraremos estabelecer os pontos de contato e de diferenciação com tais formulações, que nos ajudarão na aproximação clínica das categorias estudadas. Em Arcachon, quando perguntado sobre a possibilidade da continuidade, Miller (1998, p. 171, grifo nosso) pontua:

A questão é mais a respeito de uma gradação no interior do grande capítulo da psicose. Agora: certamente nos perguntamos se essa clínica implica uma gradação entre neurose e psicose. Minha resposta é: não. Nos dois casos, temos ponto de capitonê: num caso, esse ponto é o Nome-do-Pai, no outro, é coisa diferente do Nome-do-Pai. É menos uma continuidade do que uma homologia (...). Somente, percebe-se que a estrutura do capitonê não-Nome-do-pai é mais complexa que a primeira. Lacan tenta representa-lo para nós pelo nó. De repente, o capitonê NP aparece por vezes como uma simplificação do outro, um caso particular. Nesse caso, pode-se falar da neurose como um subconjunto da psicose, *com finalidade sobretudo irônica*.

Graciela Brodsky (2011, p. 62), em seminário recente sobre o tema, também se posiciona no mesmo sentido, afirmando “que a psicose ordinária é, como indica seu nome, uma psicose e não algo intermediário”. Na continuação do debate, Brodsky (2011, p. 66) afirma que, apesar de gostar mais da metáfora paterna do que dos nós, pensar em continuidade dentro do paradigma da metáfora paterna introduziria “uma nebulosa teórica que não ocorre com os nós”. Dessa forma, acreditamos que o paradigma da foraclusão generalizada e os debates sobre a psicose ordinária não fecham as discussões a respeito da importância da foraclusão restrita.

Nosso percurso teórico, assim, não se relaciona tanto aos nomes-do-pai, mas antes às gradações que o Nome-do-Pai pode assumir. Ou seja, trata-se de tentar nos situar dentro dessa nebulosa teórica. Ao pensar a psicose ordinária, Miller busca uma solução para escapar dos constrangimentos de uma clínica binária. Tratar-se-ia de uma clínica delicada, das tonalidades e dos pequenos indícios: “Frequentemente é uma questão de intensidade, uma questão de mais ou menos” (Miller, 2010, p. 13). A categoria de psicose ordinária,

de acordo com Miller, pode ser pensada em termos de uma terceira estrutura.¹⁰ No entanto, ao somar-se ao conceito de foraclusão generalizada, o pensamento sobre uma possível terceira estrutura torna-se secundário, pois mesmo o Nome-do-Pai seria “simplesmente um *make-believe* que funciona” (Miller, 2010, p. 23). Dessa forma, o debate sobre o estatuto do Nome-do-Pai volta à tona, sendo ele talvez responsável pela diferenciação entre concepções teórico-clínicas distintas. É a esse estatuto que se refere Miller (2010, p. 23, comentários entre colchetes nossos) ao dizer: “Então, consegui ter uma clínica binária [neurose *versus* psicose], uma clínica ternária [inclui-se a psicose ordinária para escapar do binarismo, mas se mantém a categoria da foraclusão restrita como diferencial qualitativo da psicose não ordinária] e uma clínica unitária [o que importaria seria o *make-believe* de cada um], as três em uma!”

2.5 – Qual lugar para o significante fálico em uma psicopatologia continuísta?

Buscamos privilegiar, a partir de Laplanche, uma concepção teórica em psicanálise que situa a alteridade em lugar central na constituição subjetiva, tentando se desvencilhar de concepções essencialistas sobre o ser humano e procurando estabelecer a situação antropológica fundamental como ponto de partida dessa construção. Os bebês humanos nascem com essa enorme disparidade em relação ao outro, ao adulto: disparidade de línguas, de capacidade de simbolização, de existir ou não enquanto sujeito dotado de intencionalidade e, principalmente, disparidade de ter ou não inconsciente, de ser ou não marcado pela sexualidade. Mesmo tal situação não deve ser entendida a partir de uma perspectiva metafísica, pois se configura como resultado de uma contingência: não há nada *intrínseco* ou *essencial* no ser humano que garanta a continuidade desse modelo.

Ao propormos um campo de pesquisa sobre a psicose e a constituição subjetiva, no entanto, constatamos inicialmente que não podemos abandonar a importância da lógica fálica na teoria enquanto lógica que permite a consolidação de uma identidade sexuada e de limites responsáveis pela formação do eu. Nesse sentido, a lógica fálica não seria uma lógica qualquer, mas teria uma importância diferenciada, fato constatado clínica e teoricamente a partir das contribuições de Lacan. Nesse sentido, Jacques André observa que, de fato, “a primazia do falo preside a organização das formas sociais, estrutura, além disso, nossa relação com o poder, e submete a si o curso de muitas vidas, de homens ou de mulheres” (André, 1996, p. 60). No entanto, como fundamentar tal importância sem

¹⁰ “É possível dizer então que é uma terceira estrutura” (Miller, 2010, p. 22). Note-se que a categoria de perversão torna-se menos importante e mesmo questionável para Miller nesse paradigma.

recorrer a argumentos essencialistas? Tal fundamentação, pois, é necessária para se pensar nas gradações que tal lógica poderia assumir em um modelo psicopatológico continuísta. Afinal, se o falo é entendido a partir de vieses essencialistas, as opções para a incidência de sua significação restringem-se ao sim ou não.

Na teoria lacaniana, a inscrição do Nome-do-Pai (ou metáfora paterna) é entendida uma operação psíquica fundamental para a ascensão ao Simbólico: “a inscrição do Nome-do-Pai no Outro da linguagem tem por efeito a produção da significação fálica, permitindo ao sujeito inscrever-se na partilha dos sexos” (Quinet, 2005, pp. 18-19). Ainda, em “A significação do falo”, Lacan mostra que, como fundador do Simbólico, o falo adquire um status de “significante privilegiado” (2008/1958, p. 269), “destinado a designar no seu conjunto os efeitos de significado” (*ibid.*, p. 267). Ribeiro assinala que esse privilégio concedido ao falo é uma exceção ao “ponto de vista linguístico estrutural adotado pelo próprio Lacan, segundo o qual o significante é definido exclusivamente pela diferença que estabelece com todos os demais significantes” (1997, p. 128). Nesse sentido, Teixeira (2004, p. 191) mostra de maneira clara como tal exceção não implica em contradição, uma vez que é necessário, para não se cair na infinita similitude metonímica do conhecimento paranoico, haver um fator externo de garantia, “um lugar estruturalmente determinante, mas indeterminável no interior da estrutura”. Podemos relacionar tal posição ao falo, visto por Lacan como o significante que produz os efeitos de significação de si mesmo e de toda a cadeia significante. “Significante dos significantes”, “significante sem par”, “significante da pura diferença”, todas essas são maneiras de Lacan (1998/1958a) referir-se ao falo. Derrida (2007/1980, p. 524), na crítica que faz a Lacan a partir da análise do seminário sobre a carta roubada, nos mostra que a posição que o falo ocupa na teoria lacaniana “é a definição estrita da *posição transcendental*: privilégio de um termo no interior de uma série de termos que ele torna possíveis e que ele supõe”. O falo na teoria lacaniana, assim, é apontado por Derrida como o significante que determina todos os outros sem ter nada que o determine, nada que explique sua posição de exceção à cadeia significante. Derrida cria o termo *falogocentrismo* para caracterizar a posição transcendente que o falo adquire, fundando, mais do que a partilha sexual, o próprio Simbólico e o próprio *logos*. O último parágrafo de “A significação do falo”, nos diz Derrida, evoca essa junção ao mesmo tempo em que alega sua profundidade:

Correlativamente, entrevê-se a razão desse traço nunca elucidado onde uma vez mais se mede a profundidade da intuição de Freud: a saber, porque ele afirma que há apenas uma *libido*, seu texto mostrando que ele a concebe como sendo de natureza masculina. A função do significante fálico converge aqui para sua relação mais profunda: aquela pela qual os Antigos aí encarnavam o *Nous* e o *Logos*. (Lacan, 2008/1958, p. 273).

Acompanhemos o comentário de Derrida:

A profundidade é a altura. Isso desemboca no alto, precisamente na boca em que “se encarna” o *Nous*, o *Logos*, e que diz profundamente: só existe *uma* libido, logo, não há diferença, e menos ainda uma posição na libido do feminino e do masculino, aliás, ela é masculina por natureza. Com efeito. A “razão do traço nunca elucidado” não se pode jamais senão “entrever”: é que não existe uma razão para esse traço, ele é a razão. Para ela, por ela, sob ela. Na lógica dita “do caldeirão” (traíçoeira, tirada da razão), a razão sempre terá razão. Por ela mesma. Ela se dá a ouvir. “A coisa fala dela mesma”. Ela (se) ouve dizer o que ela não pode entender. (Derrida, 2007/1980, p. 528).

Nessa visão de Derrida, assim, o Simbólico lacaniano, marcado pelo falo, se compromete na medida em que se propõe como auto-fundante e, acrescentaríamos, apaga a alteridade que lhe constitui.

Para nossos propósitos, pensamos ser necessário adentrar nesse debate, inicialmente apontando o componente defensivo da lógica fálica: se a força da lógica fálica é compreendida a partir de seu poder de contraposição às vivências de passividade originária ressignificadas pela feminilidade radical, abre-se a possibilidade de uma formalização de tal lógica de forma a retirá-la dessa posição transcendental. A partir dessa ênfase no caráter defensivo, abre-se o caminho de situar a lógica fálica em um *continuum*: em vez de sim ou não, quanto – quanto maior o ataque pulsional, quanto maior a dificuldade de integração e simbolização do originário, maior a necessidade de defesa¹¹. O enfrentamento de tal formalização e dos problemas teórico-clínicos daí decorrentes será essencial em nossas pretensões na presente pesquisa.

A partir de nossa pesquisa anterior e dos autores citados, chegamos ao entendimento de que a feminilidade representa a alteridade. Para Jacques André (1996), o sexo feminino representa o “outro sexo” tanto para homens quanto para mulheres. É evidente que essa conclusão se aproxima de algumas formulações de Lacan, para quem a feminilidade também representa o outro sexo: “chamemos heterossexual (...) aquele que ama as mulheres, qualquer que seja seu próprio sexo” (Lacan, 2003/1972, p. 467). No pensamento de Lacan (2008/1975), isso decorre, em última instância, do fato do sexo feminino não ter uma representação universal, sendo antes aproximado do real e do não simbolizável. No pensamento de Jacques André, no entanto, o fato da feminilidade se articular com a alteridade ocorre não por uma falta de representação, mas, ao contrário, é justamente o fato de a feminilidade ser uma primeira representação possível da passividade originária e da penetrabilidade que faz com que ela se torne o recalcado para ambos os sexos.

¹¹ É interessante notar, por exemplo, a maior necessidade de defesa de grande parte das identidades masculinas frente a essa passividade-feminilidade: no modelo hegemônico da masculinidade, a defesa chega a ser estereotípica, fazendo recursos à violência e à necessidade de domínio do outro; até mesmo o corpo adquire contornos de rigidez e estereotípiia. Tal maior necessidade de defesa, assim, se traduz em uma maior necessidade de uso da lógica fálica, gerando identidades muitas vezes impermeáveis e impenetráveis.

No caso da psicose, podemos ter como hipótese a possibilidade de que essa feminilidade não consegue integração no psiquismo. Em que medida, pois, tal dificuldade de integração se relaciona com a significação fálica? Tarelho (1999a) e Ribeiro (2001) retomam um trecho no qual Lacan descreve o tipo de pais de psicóticos¹² para propor que, na tentativa de impor a lógica fálica abrupta e monstruosamente aos filhos, tais representantes da lei acabam por não conseguir inscrevê-la, impedindo que haja qualquer tipo de integração/simbolização dessa feminilidade originária no psiquismo, fazendo com que seus efeitos mortíferos e desagregadores se manifestem na forma de alucinações e outras manifestações invasivas e apassivantes psicóticas. Sobre tal falha no processo de inscrição da metáfora paterna, Tarelho (1999a, p. 43, tradução nossa) afirma, em uma discussão sobre o desencadeamento de Schreber: “podemos pensar em uma reedição de uma relação originária de sedução marcada por uma forte ingerência e por um sentimento de total impotência diante de tal ingerência”. Nesse ponto, será importante retomar a distinção feita por Laplanche (1992c, p. 358, tradução nossa) entre implantação e intromissão ao pensar as formas com as quais os significantes adultos são transmitidos à criança:

A implantação [desses significantes] é um processo comum, cotidiano, normal ou neurótico. Ao seu lado, como sua variante violenta, deve-se dar lugar à *intromissão*. Enquanto a implantação permite ao indivíduo uma retomada ativa, com sua dupla-face tradutiva-recalcante, deve-se tentar conceber um processo que faz obstáculo a essa retomada, curto-circuita as diferenciações das instâncias em via de formação, e coloca no interior um elemento rebelde a toda metábole.

Nesse sentido, podemos pensar que algo dessa intromissão curto-circuita as possibilidades de simbolização, gerando consequências no processo de recalçamento. Em comunicações posteriores¹³, Laplanche sugere que alguns tipos de mensagem são de difícil tradução por já conterem uma significação colada, não havendo espaço para que possa haver uma apropriação simbolizante por parte do sujeito.

Relacionando tais questionamentos à ideia da metáfora paterna, podemos apontar alguns pontos de trabalho: a estética, pois, de um movimento de metáfora é verticalizada. Para ocorrer uma inscrição da significação fálica que consiga dar espaço para uma integração de elementos femininos, tal metáfora não deveria conter algo de metonímico, algo de horizontalidade? Nesse caso, poderia residir aí uma possibilidade de formular

¹² “Todos nós conhecemos aqueles filhos delinquentes ou psicóticos que proliferam à sombra de uma personalidade paterna de caráter excepcional, de um desses monstros sociais que a gente chama de *monstros sagrados*. São personagens frequentemente muito marcadas por um estilo de irradiação e de sucesso, mas de maneira unilateral, no registro de uma ambição ou de um autoritarismo desenfreados, às vezes de um talento, de um gênio. Não é obrigatório que haja gênio, mérito, mediocridade ou maldade, basta que haja o unilateral e o monstruoso” (Lacan, 1985, p. 232).

¹³ Nas ocasiões de apresentações orais nas *Journées Laplanche*.

gradações dessa inscrição fálica?¹⁴

2.6 – Considerações finais

Tais questões, hipóteses e possibilidades de formalização teórica, enfim, nos incitam a desenvolver um modelo continuísta da psicopatologia psicanalítica, baseado na perspectiva laplancheana e que leve em conta as contribuições teórico-clínicas da perspectiva lacaniana, em diálogo com o conceito de gênero. Sobre este conceito, o que se propõe não é estudar a identidade de gênero, mas, antes, as formas com as quais as incidências do gênero repercutem na constituição subjetiva e estrutural, correlacionando-se estritamente com os processos psicopatológicos. Acreditamos que tal aporte teórico nos permitirá valorizar as noções de defesa e de continuidade no modelo a ser proposto. Buscaremos, ainda, discutir suas consequências clínicas, problematizando sua aplicação na clínica da psicose e nos casos ditos limítrofes ou alvo de discordâncias diagnósticas. Nesse sentido, tal paradigma continuísta nos possibilitará analisar algumas manifestações clínicas que de alguma forma se refratam ao encaixe nos modelos binários, por exemplo casos de transexualidade¹⁵, casos limítrofes ou até mesmo neuroses com sintomas incongruentes do que se esperaria teoricamente daqueles casos.

A relevância do presente projeto de pesquisa reside na possibilidade de desenvolvimento de um modelo teórico, no âmbito da chamada escola francesa de psicanálise, que busque fazer frente à diversidade das manifestações clínicas, valorizando a ideia de continuidade e, ao mesmo tempo, trabalhando na manutenção de importantes marcos teórico-clínicos quando nos parecem ainda necessários, como é o caso da lógica fálica.

3. Objetivos

3.1 – Objetivo geral: Desenvolver um modelo teórico continuísta da psicopatologia psicanalítica a partir das relações metapsicológicas entre gênero e constituição subjetiva.

3.2 – Objetivos específicos:

¹⁴ Alguns desenvolvimentos do presente projeto foram publicados por nós como capítulo no livro *Narcissisme et "sexual" dans l'oeuvre de Jean Laplanche* (PUF, 2019, organizado por Dejours e Tessier), intitulado "Logique phallique, narcissisme et liaison: une approche continuiste de la psychopathologie psychanalytique à la lumière de la théorie de la séduction généralisée".

¹⁵ Não aludimos aqui a uma patologização das transexualidades, mas antes a diferentes conformações de alguns casos diante de marcos dos sistemas de sexo-gênero (ver, nesse sentido, Lattanzio & Ribeiro, 2017).

- a) Contribuir para a discussão sobre continuidade *versus* descontinuidade entre as estruturas clínicas em psicanálise;
- b) Compreender como as incidências do gênero repercutem na constituição subjetiva e estrutural;
- c) Compreender como o marco da lógica fálica pode ser situado dentro de um modelo psicopatológico continuísta;
- d) Discutir as consequências clínicas do modelo proposto, problematizando sua aplicação nos casos ditos limítrofes e na clínica das psicoses.

4. Metodologia

O presente projeto de pesquisa se desenvolverá a partir da concepção de “pesquisa teórica em psicanálise”, definida por Garcia-Roza (1994, p. 14) como a proposta de “submeter a teoria psicanalítica a uma análise crítica, com a finalidade de verificar sua lógica interna, a coesão estrutural dos seus conceitos, e as condições de sua possibilidade”. Tal proposta se dá inicialmente a partir da releitura de autores diversos e de diferentes conceitos, buscando encontrar os pontos de contato e de distanciamento com os caminhos apontados pela pesquisa e, assim, situar-lhes em uma perspectiva crítica. Não obstante, ao propor uma releitura de determinados autores e conceitos, não se pretende fazer uma duplicação destes, um redobramento especular, mas antes identificar seus problemas, suas necessidades e suas perguntas fundamentais para, então, “produzir a partir dele[s] um outro discurso. A releitura (...) se propõe não como *reveladora*, mas como *transformadora*” (Garcia-Roza, 1994, p. 16). Laplanche fala algo semelhante ao propor a necessidade de novos fundamentos para a psicanálise: “Problematizar é abalar, pôr à prova (...). A partir desses questionamentos radicais, violentos, é necessariamente uma nova temática, novas ordenações, novos conceitos ou uma nova disposição dos conceitos que se desenha” (Laplanche, 1992a, p. 01).

Não obstante, ressalta-se que a proposta de desenvolvimento de uma abordagem teórica vem responder a problemas oriundos da clínica psicanalítica, relacionados a questões de diagnóstico e de direção do tratamento. Nesse sentido, a pesquisa a ser empreendida trará repercussões para a nosografia psicanalítica e para a abordagem clínica decorrente. Como parte dessa interface entre a metapsicologia e a clínica, buscaremos também analisar casos clínicos nossos e/ou de outros autores como forma de nos certificar que a ordenação de conceitos a ser produzida realmente atenderá a uma verdadeira necessidade. Neste sentido, nosso propósito se distancia de uma mera correção formal dos conceitos. “Se essa correção formal é necessária, ela não é contudo suficiente para

caracterizar a natureza do conceito e da teoria”. (Garcia-Roza, 1994, p. 18). Entendemos que a natureza de um conceito atrela-se à sua necessidade e ao fato dele responder a um verdadeiro problema. Para tal, não se pode elevar um conceito ao nível de uma entidade abstrata e atemporal, mas tratá-lo como uma singularidade, levando em conta sua história e seu devir próprio. Além disso, não devemos pensá-lo isoladamente, mas sim considerá-lo no campo conceitual e clínico em que surge e mantém suas articulações.

Procurando atender à concepção apresentada, na pesquisa proposta, buscaremos compreender a necessidade teórico-clínica que leva à busca de um paradigma continuísta em psicopatologia, tendo como base a teoria de Jean Laplanche e seus posteriores desenvolvimentos, em interlocução com conceitos e contribuições oriundos de escolas e autores diversos, principalmente no marco da chamada escola francesa em psicanálise – em especial a vertente lacaniana –, bem como com os desenvolvimentos teóricos que levam em conta os efeitos da incidência do gênero na constituição subjetiva. A partir desse caminho, pretendemos propor uma abordagem original para a psicopatologia psicanalítica, considerando as consequências clínicas do modelo proposto. Ressalta-se que a interlocução proposta entre diferentes autores, conceitos e tradições teórico-clínicas não ocorrerá no sentido de desconsiderar as diferentes bases epistemológicas e concepções de sujeito de cada teoria, mas, antes, ao fazê-las vir à tona, tentar-se-á trabalhar estas contradições de modo a fazer aparecer as contribuições e os pontos de estagnação de cada conceito. Será a partir de tal abordagem, enfim, que buscaremos contribuir para o desenvolvimento de um pensamento de continuidade na psicopatologia psicanalítica.

5. Referências bibliográficas

- André, Jacques (1996). *As origens femininas da sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bleichmar, Silvia (1987). *Nas origens do sujeito psíquico: do mito à história*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bleichmar, Silvia (1994). *A fundação do inconsciente*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bleichmar, Silvia (2009). *Paradojas de la sexualidad masculina*. Buenos Aires: Paidós.
- Brodsky, Graciela (2011). *Loucuras discretas: um seminário sobre as chamadas psicoses ordinárias*. Belo Horizonte: Scriptum.
- Butler, Judith (1993) *Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”*. New York: Routledge.
- Cardoso, Marta Rezende (2002). *Superego*. São Paulo: Escuta.
- Derrida, J. (2007/1980). O carteiro da verdade. In: *O cartão-postal: de Sócrates a Freud e além*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, pp. 457-542.
- Freud, S. (1996/1917). Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III). *Edição*

- Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XVI.
- Freud, S. (1996/1920). Além do princípio do prazer. *Op. Cit.*, vol. XVIII.
- Freud, S. (1996/1923). A organização genital infantil. *Op. Cit.*, vol. XIX.
- Freud, S. (1996/1926). Inibições, sintomas e ansiedade. *Op. Cit.*, vol. XIX.
- Freud, S. (2004/1915). O Recalque. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Luiz Hans *et al*, trad), Rio de Janeiro: Imago, vol. I.
- Garcia, C. A. & Cardoso, M. R. (2011). *Limites da clínica. Clínica dos limites*. Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- Garcia-Roza, L. A. (1994). Pesquisa de tipo teórico. *Psicanálise e Universidade*, n. 1, p. 18. São Paulo.
- Geller, Silvia (2011). Transexualismo hi-tech. In: *Scilicet: a ordem simbólica no século XXI*. BH: Scriptum.
- Lacan, Jacques (1985). *O seminário, livro III: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques (1998/1958a). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques. (1998/1958b). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques (2003/1972). O aturdido. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques (2008/1958). A significação do falo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Perspectiva.
- Lacan, Jacques (2008/1975). *O seminário, livro XX: mais, ainda*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Laplanche, Jean (1981). El estructuralismo, ¿sí o no? *Trabajo del psicoanálisis*, vol. 1, n. 1.
- Laplanche, Jean (1985). *Fantasia originária, fantasias das origens, origem das fantasias*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- Laplanche, Jean (1992a). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, Jean (1992b). *O inconsciente e o id*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, Jean (1992c). Implantation, intromission. In: *La révolution copernicienne inachavée*. Paris: PUF.
- Laplanche, Jean (1992d). La position originaire du masochisme dans le champ de la pulsion sexuelle. In: *La révolution copernicienne inachavée*. Paris: PUF.
- Laplanche, Jean (1992e). La pulsion de mort dans la théorie de la pulsion sexuelle. In: *La révolution copernicienne inachavée*. Paris: PUF.
- Laplanche, Jean (1997). *Freud e a Sexualidade: o Desvio Biologizante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Laplanche, Jean (1999). Court traité de l'inconscient. In: *Entre séduction et inspiration: l'homme*. Paris: PUF.
- Laplanche, Jean (2003). Le genre, le sex, le sexual. In: Chabert, C. (org.) *Sur la théorie de la seduction*. Paris: Édition In Press.
- Laplanche, Jean (2007). Trois acceptions du mot "inconscient" dans le cadre de la théorie

- de la séduction généralisée. In: *Sexual: la sexualité élargie au sens freudien*. Paris: PUF.
- Laplanche, J. & Leclaire, S. (1992/1959). O inconsciente, um estudo psicanalítico. In: Laplanche, J. *O inconsciente e o id*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lattanzio, Felipe Figueiredo (2019). Logique phallique, narcissisme et liaison: une approche continuiste de la psychopathologie psychanalytique à la lumière de la théorie de la séduction généralisée. In: *Narcissisme et "sexual" dans l'oeuvre de Jean Laplanche* (orgs. Dejours e Tessier). Paris : PUF.
- Lattanzio, Felipe Figueiredo (2021). *O lugar do gênero na psicanálise: metapsicologia, identidade, novas formas de subjetivação*. São Paulo: Blucher.
- Lattanzio, Felipe Figueiredo & Ribeiro, Paulo de Carvalho (2012). Recalque originário, gênero e sofrimento psíquico. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 17, n. 3, p. 507-517, jul./set.
- Lattanzio, Felipe Figueiredo & Ribeiro, Paulo de Carvalho (2016). Represión originaria, género y sufrimiento psíquico. *Après-coup*, nº2, 2016/2.
- Lattanzio, Felipe Figueiredo, & Ribeiro, Paulo de Carvalho. (2017). Transexualidade, psicose e feminilidade originária: entre psicanálise e teoria feminista. *Psicologia USP*, 28(1), 72-82. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-656420140085> .
- Miller, Jacques-Alain (1998). *A conversação de Arcachon: os casos raros, inclassificáveis da clínica psicanalítica*. São Paulo: Biblioteca Freudiana Brasileira.
- Miller, Jacques-Alain (2010). Efeito do retorno à psicose ordinária. *Opção lacaniana online*, ano 01, n. 03.
- Quinet, Antonio (2005). *As 4 + 1 condições de análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Ribeiro, Paulo de Carvalho (1997). Rumo a uma teoria psicanalítica da feminilidade. *Cadernos de psicologia*, vol. 7, n. 1, pp. 123-136.
- Ribeiro, Paulo de Carvalho (2000). *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. São Paulo: Escuta.
- Ribeiro, Paulo de Carvalho (2001). O Real é Sexual: Mal-Estar na Clínica Lacaniana das Psicoses. *Percursos*. São Paulo, v. 27, p. 113-125.
- Rosenfeld, David (2006). *The soul, the mind, and the psychoanalyst: the creation of the psychoanalytic setting in patients with psychotic aspects*. London: Karnac.
- Tarelho, Luiz Carlos (1999a). *Paranoïa et théorie de la seduction generalisée*. Paris: PUF.
- Tarelho, Luiz Carlos (1999b) Reflexões sobre a clínica psicanalítica das psicoses. *Psicopatologia fundamental online*, ano II, n. 3. Disponível em: <http://www.psicopatologiafundamental.org>.
- Teixeira, Antônio (2004). Conhecimento paranóico e saber científico. In: Ianinni; Rocha; Pinto & Safatle. *O tempo, o objeto e o avesso: ensaios de filosofia e psicanálise*. Belo Horizonte: Autêntica.